

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do V UIO GNR/"Uimpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 44 - Diversidade dialetal, multilinguismo e contato de línguas: implicações para a gramática das línguas naturais na perspectiva dos estudos linguísticos formalistas, 895-912

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p895

<http://siba-esce.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

“YOUR INSIDE IS OUT WHEN YOUR OUTSIDE IS IN” – O LUGAR DA SUA GRAMÁTICA E DA OUTRA GRAMÁTICA NA SUA MENTE E NA ESCOLA

Ricardo Joseh LIMA³

Mônica de Azevedo Rodrigues PAULO⁴

Thayane Santos ANTUNES⁵

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar contribuições teóricas e empíricas para um melhor entendimento e consequente aplicação da proposta de Kato (2005). A referida autora propõe uma divisão entre Gramática Nuclear e Periferia Marcada para dar conta de algumas variações e irregularidades encontradas nos falantes. Iniciamos nos apoiando em trabalhos já realizados para elaborar uma lista de critérios que possam ser avaliados como úteis para que seja possível delimitar quais fenômenos sintáticos pertenceriam a cada um dos componentes propostos por Kato (2005). Uma experiência com um teste de julgamento de gramaticalidade, com o tópico da colocação pronominal, aplicado a falantes brasileiros com nível superior, é descrita como sendo uma fonte relevante para a obtenção de dados que informarão a respeito da delimitação acima exposta. Nossos comentários finais procuram ir além da contribuição para a pesquisa acadêmica, pois visamos também sua aplicação prática em situações formais de ensino que possam vir a se beneficiar da divisão proposta por Kato (2005).

PALAVRAS-CHAVE: gramática gerativa; português brasileiro; sintaxe; variação; escola.

Introdução

Este trabalho pretende discutir questões teóricas e empíricas a respeito da proposta

3 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras, Departamento de Estudos da Linguagem, Av. São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Reitor João Lyra Filho, 11º andar, sala 11 111 porta C, bloco F, CEP 20550-900, Rio de Janeiro - RJ, Brasil; rjlimauerj@gmail.com.

4 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras, Departamento de Estudos da Linguagem, Av. São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Reitor João Lyra Filho, 11º andar, sala 11 111 porta C, bloco F, CEP 20550-900, Rio de Janeiro - RJ, Brasil; monuerj@gmail.com.

5 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras, Departamento de Estudos da Linguagem, Av. São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Reitor João Lyra Filho, 11º andar, sala 11 111 porta C, bloco F, CEP 20550-900, Rio de Janeiro - RJ, Brasil; antunes.thay@gmail.com.

de Kato (2005) sobre a estrutura da Gramática Interna de um falante. Algumas motivações para esse trabalho são os poucos estudos realizados a partir dessa proposta, que consideramos relevante não apenas do ponto de vista da Teoria Gerativa, mas também do ponto de vista de uma aplicação para o ensino; e a tensão surgida entre a divisão realizada por Avelar (2006) entre os verbos *ter* e *haver*, seguindo a proposta de Kato (2005), apontando para *ter* na Gramática Nuclear e *haver* na Periferia Marcada, e a resposta de Kato (2006), que visualiza a possibilidade de os dois verbos estarem na Gramática Nuclear.

É nossa intenção, portanto, estabelecer alguns pontos que auxiliem estudiosos a ter mais clareza a respeito do que pode ou não estar na Gramática Nuclear/Periferia Marcada. Para tanto, criamos uma lista de três critérios que podem servir como guias para elucidar tentativas de classificações de estruturas sintáticas em dois dos locais propostos por Kato (2005). A partir de um desses critérios, elaboramos um teste que teve como objetivo ilustrar como empiricamente se pode aplicar em dados linguísticos a distinção entre Gramática Nuclear e Periferia Marcada.

Este texto está dividido em cinco partes. Na primeira, expomos a proposta de Kato (2005) e as ideias de Avelar (2006), bem como apresentamos brevemente outros estudos que se apoiam nessa proposta. A segunda seção traz nossas discussões sobre a proposta de Kato (2005) e os critérios que elaboramos. Nas terceira e quarta seções, descrevemos, respectivamente, a metodologia e o resultado do teste que empregamos para ilustrar um dos critérios elaborados. A quinta seção, que encerra este texto, contém nossas considerações sobre esse tipo de trabalho bem como questões de ordem prática visando ao ensino de língua portuguesa em nível fundamental.

Pressupostos teóricos

A proposta de Kato (2005) se inicia com a observação de que a produção de clíticos por falantes letrados brasileiros não corresponde nem a um estágio anterior de outra gramática nem a uma gramática portuguesa, cada uma delas tendo sido recuperada pela escola e assimilada por esses falantes. A autora nota, então, que essa produção pode ser mais bem compreendida se for adotado um componente que ela nomeia como **Periferia**

Marcada, que seria acrescentado à **Gramática Nuclear** dos falantes através de sua experiência linguística.

Kato (2005) utiliza o conceito clássico de Gramática Nuclear, tal como proposto por Chomsky (1981), como sendo o conjunto dos conhecimentos linguísticos detalhados e estabelecidos de forma natural após o processo de aquisição da linguagem pela criança. Já o conceito de Periferia Marcada é uma inovação da autora que aproveita o termo cunhado por Chomsky (1981) para redefini-lo. Chomsky (1981) pensou a Periferia Marcada como sendo o conjunto de construções pertencentes à Gramática Nuclear que seriam adquiridas mais tardiamente, embora ainda no processo de aquisição da linguagem. Kato (2005) chama de Periferia Marcada um conjunto de expressões linguísticas que seriam fruto da experiência individual de cada falante e que seria constituído por construções irregulares, formas arcaicas ou contraditórias às que fazem parte da Gramática Nuclear do indivíduo. Pronomes como *vós* e *cujo* e a colocação enclítica seriam exemplos dessas construções, que não fazem parte da Gramática Nuclear do falante brasileiro, mas que podem ser recuperadas, ainda que de forma irregular, pelo contato com ambientes linguísticos que contenham essas construções, tais como textos formais, histórias infantis, a Bíblia, entre outros.

Neste momento, acreditamos que cabe realizar uma observação sobre a terminologia empregada por Kato. Note-se que a autora não utilizou a expressão **Gramática Periférica** para nomear o conjunto acima descrito, mas sim **Periferia Marcada**. Para nós, trata-se de um indício de que a autora não deseja dar a esse conjunto um *status* de regularidade e produtividade que é conferido, de modo natural, à **Gramática Nuclear**. Caso nossa interpretação esteja correta, e assumiremos isso aqui, então essa distinção trará importantes consequências no momento de delimitar quais construções sintáticas pertencem a cada um dos componentes propostos por Kato (2005).

Avelar (2006) empreende um estudo com a finalidade de investigar a alocação dos verbos *ter* e *haver* de acordo com a proposta de Kato (2005). Após realizar análises de cunho teórico e de dados linguísticos, o autor conclui pela alocação do verbo *ter* na Gramática Nuclear e pela do *haver* na Periferia Marcada. Kato (2006) rebate a argumentação de Avelar (2006), pois uma vez que o mesmo considera *ter* como uma categoria funcional e *haver* como uma categoria lexical, não haveria razão teórica para a alocação dos dois em componentes distintos, já que não haveria competição entre eles. Um

cenário em que ambos pertencessem à Gramática Nuclear, segundo a autora, não seria implausível.

As conclusões opostas a que Avelar (2006) e Kato (2006) chegaram a respeito do *ter* e *haver* são nosso ponto de partida para uma reflexão que conduza o estudioso interessado em aplicar a proposta de Kato (2005) a construções sintáticas. Avelar (2006) reúne uma série de argumentos que levam à distinção entre os verbos e os componentes nos quais eles estariam alocados; Kato (2006) observa um detalhe desses argumentos para apontar uma alternativa à conclusão de Avelar (2006). Consideramos ser importante que haja critérios que possam ser objetivamente aplicados e seguidos e, a partir deles, estabelecer, caso seja necessário, um contraditório a respeito de uma conclusão ou outra.

O primeiro item que surge como critério para comparar construções sintáticas pode ser chamado de **Coerência Interna**. Sabe-se que algumas categorias funcionais estão atreladas a outra, seja para sua existência ou pela ordem na estrutura arbórea. O mesmo acontece com traços formais: em algumas versões do Programa Minimalista, alguns sintagmas devem portar um tipo de traço que seja compatível com um traço que está em uma dada categoria funcional. Como esse critério se aplica ao caso da investigação a respeito da Gramática Nuclear e da Periferia Marcada? Podemos iniciar a argumentação partindo da assunção de que em Português Brasileiro, para dar conta de estruturas sintáticas básicas, é necessária a presença de uma categoria funcional X que porte o traço formal Y. Com duas construções sintáticas sob investigação de pertencerem à Gramática Nuclear ou à Periferia Marcada, aquela que não precisasse de estipulação de categorias ou traços extra e que se encaixasse na assunção acima seria considerada como pertencente à Gramática Nuclear. A título de exemplo, a mesóclise parece requerer, como se nota em Manzini e Savoia (2011), um tipo de estrutura interna, com requerimentos morfológicos e sintáticos específicos do verbo para permitir a inserção de um pronome. Para dar conta da mesóclise no Português Brasileiro, seria legítimo estipular essa estrutura interna, somente para esse caso? E mais, essa estrutura interna seria compatível com as demais construções de colocação pronominal?

Acreditamos que esse critério, que podemos ver de certo modo na análise de Kato (2005) a respeito da ênclise no Português Brasileiro, possui a vantagem de não depender da obtenção de dados empíricos e seguiria o percurso metodológico do trabalho em Teoria

Gerativa, que utiliza um número limitado, porém consensual, de construções sintáticas, para realizar análises teóricas. Esse critério poderia ser complementado ou, a depender da orientação metodológica do pesquisador, preferido por outro, que nomeamos como **Reanálise de dados quantitativos**. Vieira (2003) conduz um estudo em que encontra categoricamente a ausência de mesóclise no Português Brasileiro; o mesmo não acontece com a ênclise, tanto em construções verbais simples quanto complexas. Ainda que esses números sejam bem próximos do zero, sua existência parece não permitir que se conclua que não pertencem ao Português Brasileiro. Permanecem como uma opção a ser utilizada em situações restritas. De certo, o que vamos propor, assim como o critério anterior, requer investigações mais profundas por se tratar de orientações metodológicas consolidadas, mas gostaríamos de ressaltar a dificuldade que existe em se determinar a *morte* de uma determinada construção sintática. Ao que parece, somente quando se chega ao *zero categórico* alguns pesquisadores propõem que tal situação tenha ocorrido. Nossa proposta é que números muito baixos de uso são indícios fortes de que a construção está presente na Periferia Marcada.

O terceiro e último critério é o que nos interessa mais de perto no momento, por ter gerado o teste que ilustra suas possibilidades de aplicação. **Sistematicidade de uso** é uma situação que decorre de uma regularidade que, a nosso ver, no quadro teórico em que estamos inseridos, deriva de regras estáveis e fixas, tal como se supõe haver na Gramática Nuclear. “Erros” são previsíveis e também regulares: podem ser produtos, por exemplo, de situações de comunicação que levem a indecisões, recomeços, trocas, etc. (veja-se “leite de doce” em vez de “doce de leite”). Já construções pertencentes à Periferia Marcada exibiriam outro perfil de sistematicidade: mais baixo e com tipos de “erros” diferenciados. Acreditamos que, pelo fato de estar em um componente que não está sujeito a regras fixas e estáveis, determinada construção sintática da Periferia Marcada seria utilizada de modo mais aleatório e seria possível perceber “erros” como hipercorreções ou que estejam em contraste com estruturas sintáticas básicas do Português Brasileiro.

Seguindo esse critério, estabelecemos uma linha de raciocínio que trabalha da seguinte forma: uma construção sintática pertencente à Periferia Marcada não tendo estabilidade e regras fixas e naturais tende a ter seus “erros” menos percebidos do que uma construção sintática pertencente à Gramática Nuclear. O falante teria dificuldade em

diferenciar construções legítimas de ilegítimas, em um teste de julgamento de gramaticalidade, por exemplo. A elaboração, aplicação e análise dos resultados deste teste serão descritos a partir da seção seguinte.

Metodologia

Nosso teste foi elaborado com base na metodologia aplicada em Kenedy (2005) para o estudo da estrutura, do processamento e da aquisição de sentenças de cláusulas relativas preposicionadas em Língua Portuguesa. O pesquisador desenvolveu um teste de juízo de agramaticalidade no qual empregou a metodologia experimental *off-line controlado*, o que permitia que o tempo empregado pelo respondente para emitir seu juízo fosse registrado pelo computador. Em suma, o teste consistia na apresentação de construções linguísticas que, após serem exibidas, deveriam receber um juízo de gramaticalidade pelo informante.

Com base na metodologia utilizada em Kenedy (2005), criamos um experimento de juízo de gramaticalidade com foco em estruturas pronominais: próclise, ênclise e mesóclise. O teste é composto por vinte quatro sentenças que se dividem nas seguintes categorias: (1) próclise gramatical, (1') próclise agramatical; (2) ênclise gramatical, (2') ênclise agramatical; (3) mesóclise gramatical, (3') mesóclise agramatical; (4) sentenças simples gramaticais; (4') sentenças simples agramaticais. As sentenças foram organizadas em cada categoria de acordo com os critérios de colocação pronominal previstos em Leitão (2007). Para cada categoria, há dois exemplos, com exceção das categorias 4 e 4' que apresentam seis sentenças cada. A seguir estão listados os exemplos de cada categoria:

(1) Próclise gramatical

- a. Você **não** me ajudou em nada.
- b. O que aconteceu **quando** te ligaram da delegacia?

(1') Próclise agramatical

- a'. O professor disse que me **não** viu na escola ontem.
- b'. Eu te **nunca** pedi um favor.

O autor consultado lista nove casos em que a gramática normativa recomenda a próclise na Língua Portuguesa. Assim, seria indicada a próclise quando o verbo é antecedido por uma palavra que expressa negação, como vemos no exemplo 1.a, ou por uma conjunção subordinativa, como no exemplo 1.b. Em 1', há duas próclises agramaticais visto que o pronome deveria, de acordo com a gramática normativa, estar alocado após a palavra que denota negação: O professor disse que não me viu na escola ontem/ Eu nunca te pedi um favor.

(2) Ênclise gramatical

- a. Chamaram-me para o futebol de domingo à tarde.
- b. A professora pediu-te que fizesse a tarefa de casa.

(2') Ênclise agramatical

- a'. Eu preciso que ofereçam-me mais uma chance⁶.
- b'. Eu nunca diria-te palavras tão duras.

Em 2.a, a ênclise é recomendada, por tratar-se de uma abertura de frases ou períodos. Já em 2.b, a ênclise foi motivada pela conjunção subordinativa posposta. Por outro lado, em 2', não seria indicado o uso da ênclise devido à presença de conjunção subordinativa em 2'.a' e de palavra que denota negação em 2'.b'.

(3) Mesóclise gramatical

- a. Se a Cláudia soubesse o quanto estou arrependido, ela perdoar-me-ia.
- b. Contar-te-ei tudo o que aconteceu na reunião.

(3') Mesóclise agramatical

- a'. Se eu soubesse que você viria, prepara-me-ria para a sua chegada.
- b'. Visitarei-te-ei assim que eu voltar de viagem.

O emprego da mesóclise é recomendado para verbos no futuro do presente e no futuro do indicativo. Nos quatro exemplos acima, os tempos verbais estão corretos, porém a estrutura verbal está agramatical em 3'.a' e 3'.b'. A colocação pronominal nessas duas

⁶ Durante a apresentação da comunicação, fomos alertados de que essa sentença não seria agramatical, apenas violaria uma regra da Gramática Normativa. Compreendemos e aceitamos esse ponto de vista, no entanto, preferimos manter essa sentença como agramatical levando em conta essa restrição da Gramática Normativa que termina por atingir todos os falantes.

sentenças, para que esteja de acordo com a gramática normativa, deveria figurar da seguinte forma: “preparar-me-ia” e “visitar-te-ei”.

(4) Gramatical simples

- a. João ama uvas.
- b. A prova de português estava fácil.
- c. Eu gosto de climas frescos.
- d. A borboleta voou para a minha janela.
- e. Hoje é domingo.
- f. Futebol é o meu esporte favorito.

(4') Agramatical simples

- a'. Clara a balé dança.
- b'. Filme eu vi o.
- c'. Quebrou impressora a.
- d'. Felipe uma comprou bola.
- e'. Thais Luísa convidou a.
- f'. Pedro é amigo João de.

As frases selecionadas como gramaticais simples e agramaticais simples foram incluídas para servirem de distratoras, de modo a evitar que os participantes se dessem conta do fenômeno estudado e de nossos reais objetivos para o teste, impedindo, assim, a ocorrência de respostas não naturais e em desacordo com a real intuição do falante.

O público alvo selecionado para o experimento foram alunos de diferentes níveis do ensino superior. No total, houve cinquenta e um participantes. Dentre eles, onze são estudantes com formação superior em Geografia que estão finalizando a pós-graduação em Planejamento Urbano e Educação Ambiental em uma faculdade particular do Rio de Janeiro. Os demais quarenta informantes estão divididos em duas turmas de primeiro período da graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O pesquisador, ao aplicar o teste, não deu explicações orais. Sendo assim, as instruções recebidas pelo participante foram apenas as apresentadas no comando inicial do experimento, projetado no primeiro *slide* apresentado aos grupos:

Como falante da Língua Portuguesa, você tem **intuições** sobre o que faz e o que não faz parte da sua língua. Algumas frases serão apresentadas a seguir. Após

observar a **estrutura** da frase, você deve responder à seguinte pergunta: Essa frase faz parte da sua língua (**aceitável**) ou não faz parte da sua língua (**inaceitável**)? **ATENÇÃO! AQUI NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS! O QUE VALE É A SUA OPINIÃO!**

Para a aplicação do teste em todos os três grupos, foi utilizado um computador e um *Datashow* para a projeção das sentenças que estavam organizadas em um arquivo criado no programa Microsoft Office PowerPoint 2007. O tempo para responder não era restrito, mas era limitado pelo pesquisador e, com isso, o experimento teve duração de cerca de quinze minutos. As frases surgiam na tela uma a uma, o informante lia a sentença e, logo em seguida, assinalava se a considerava aceitável ou inaceitável. Cada respondente recebeu uma folha de papel em que havia o número da sentença e as opções *aceitável* e *inaceitável* a serem assinaladas, como no exemplo abaixo:

() ACEITÁVEL () INACEITÁVEL
() ACEITÁVEL () INACEITÁVEL

Após essa etapa, visando a obter informações que poderiam auxiliar na análise dos dados, foram coletadas algumas informações pessoais dos participantes. Para tanto, havia, no final da folha que receberam, um pequeno formulário solicitando o nome, a idade e a escolaridade do estudante. Além disso, foram questionados sobre o seus contatos com textos bíblicos e cerimônias religiosas.

A seguir, apresentamos uma tabela (Tabela 1) que mostra a ordem em que as sentenças foram expostas.

Tabela 1. Sentenças utilizadas para o experimento na ordem em que foram expostas.

Agramatical simples	Thais Luísa convidou a.
Próclise gramatical	Você não me ajudou em nada.
Agramatical simples	Clara a ontem balé dançou.
Gramatical simples	João ama uvas
Próclise agramatical	O professor disse que me não viu na escola ontem.
Ênclise gramatical	Chamaram-me para o futebol de domingo à tarde.
Gramatical simples	A prova de português estava fácil.
Mesóclise gramatical	Se a Cláudia soubesse o quanto estou arrependido, ela perdoar-me-ia.
Agramatical simples	Felipe uma comprou bola.

Gramatical simples	Futebol é o meu esporte favorito.
Ênclise agramatical	Eu preciso que ofereçam-me mais uma chance.
Próclise gramatical	O que aconteceu quando te ligaram da delegacia?
Mesóclise agramatical	Visitarei-te-ei assim que eu voltar de viagem.
Gramatical simples	A borboleta voou para a minha janela.
Mesóclise gramatical	Contar-te-ei tudo o que aconteceu na reunião.
Gramatical simples	Eu gosto de climas frescos.
Ênclise agramatical	Eu nunca diria-te palavras tão duras.
Agramatical simples	Quebrou impressora a.
Agramatical simples	Filme eu viu esse.
Gramatical simples	Hoje é domingo.
Ênclise gramatical	A professora pediu-te que fizesse a tarefa de casa.
Mesóclise agramatical	Se eu soubesse que você viria, prepara-me-ria para a sua chegada.
Próclise agramatical	Eu te nunca pedi um favor.
Agramatical simples	Pedro é amigo João de.

Resultados

Dos cinquenta e um participantes, seis pertencentes ao grupo de estudantes da UERJ foram descartados. Tal medida foi necessária pois esses seis participantes marcaram como ACEITÁVEL todas as sentenças do teste. Posteriormente, eles revelaram não ter compreendido o comando do teste e procederam assim por julgarem as sentenças apenas utilizando o critério da compreensão, e não da estrutura, como solicitava o *slide* inicial do teste.

Em relação aos participantes que foram contabilizados para averiguação dos resultados, estes em nenhuma situação julgaram como inaceitáveis sentenças distratoras aceitáveis e consistentemente classificaram como inaceitáveis sentenças distratoras inaceitáveis. Nesse caso, não houve uma totalidade de marcações devido à sentença (1) “Thaís Luísa convidou a”, em que alguns participantes relataram ter marcado como aceitável por fazerem uso da interpretação “Thaís, Luisa convidou-a”. Por conta disso, esses participantes não foram descartados e se mantiveram no grupo de quarenta e cinco informantes para a análise dos resultados, o que relataremos pelo tipo de colocação pronominal.

Próclise

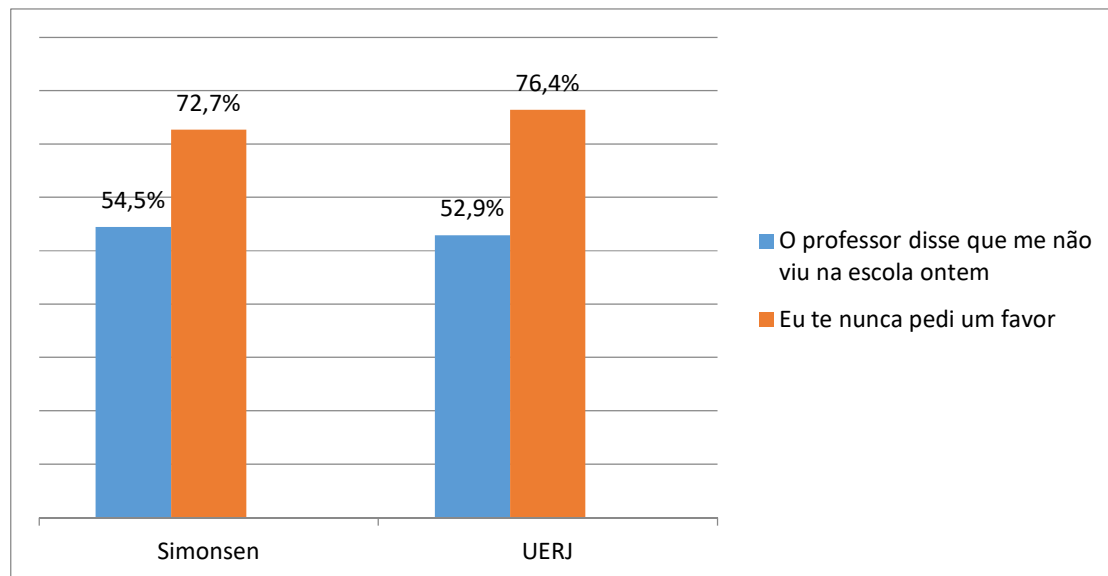
As sentenças com próclise gramatical foram consistentemente aceitas. Já as com próclise agramatical levaram a desempenhos distintos do que se deveria esperar de participantes universitários, como se pode ver na Tabela 2:

Tabela 2. Número de rejeição de sentenças inaceitáveis com próclise agramatical.

	O professor disse que me não viu na escola ontem	Eu te nunca pedi um favor
Simonsen	6/11	8/11
UERJ	18/34	26/34

O gráfico 1, a seguir, mostra esses resultados através de porcentagens que indicam a rejeição das mesmas sentenças de acordo com cada grupo de participantes.

Gráfico 1. Percentual de rejeição de sentenças inaceitáveis com próclise agramatical.



Não parece, portanto, haver distinção significativa entre os grupos de estudantes. No entanto, o que chama a atenção são as baixas taxas de rejeição, com destaque para a sentença “O professor disse que me não viu na escola ontem”, em que o fato de a conjunção integrante ser considerada um “atrator” para o pronome deve ser conhecido pelos estudantes, entretanto, nesse caso, a partícula negativa “não” deveria exercer essa atração anteriormente.

Ênclise

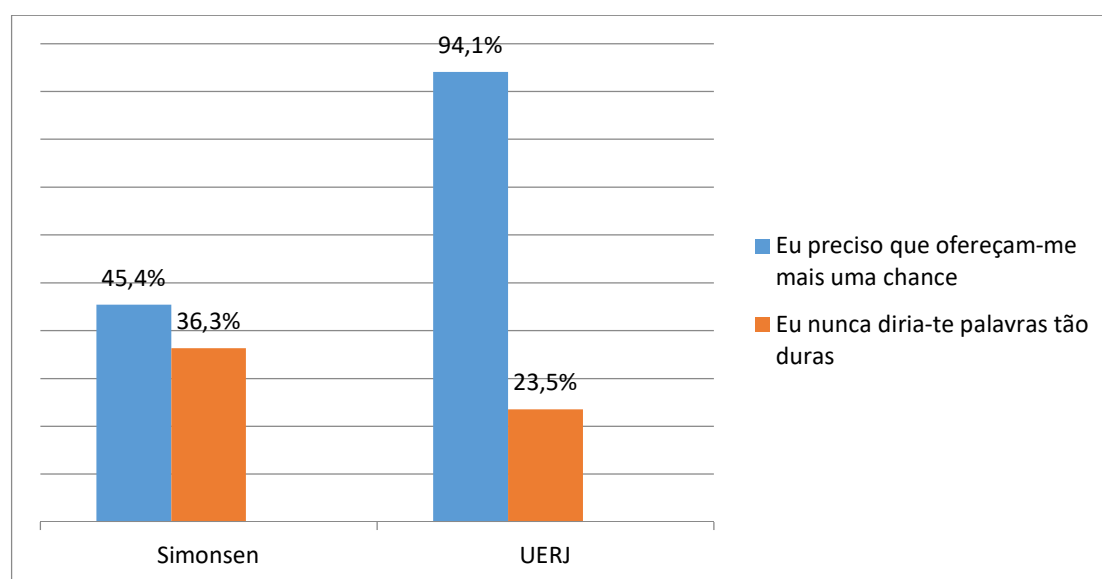
As sentenças com ênclise gramatical foram consistentemente aceitas. Já as com ênclise agramatical apresentaram, também, desempenhos distintos do que se deveria esperar de participantes universitários, como se pode ver na Tabela 3:

Tabela 3. Número de rejeição de sentenças inaceitáveis com ênclise agramatical.

	Eu preciso que ofereçam-me mais uma chance	Eu nunca diria-te palavras tão duras
Simonsen	5/11	4/11
UERJ	32/34	8/34

Ao observarmos o gráfico 2, a seguir, podemos ver esses resultados através de porcentagens.

Gráfico 2. Percentual de rejeição de sentenças inaceitáveis com ênclise agramatical.



Os resultados foram díspares apenas em relação à sentença “Eu preciso que ofereçam-me mais uma chance”. Note-se que a gramaticalidade dessa sentença foi alvo de discussão na nota 4. Alunos da UERJ se mostraram sensíveis à regra da gramática normativa, o que não aconteceu com os alunos da Simonsen. Isso mostra que a discussão levantada deve prosseguir e esse tipo de dado pode ser reanalisado em pesquisas futuras.

Mesóclise

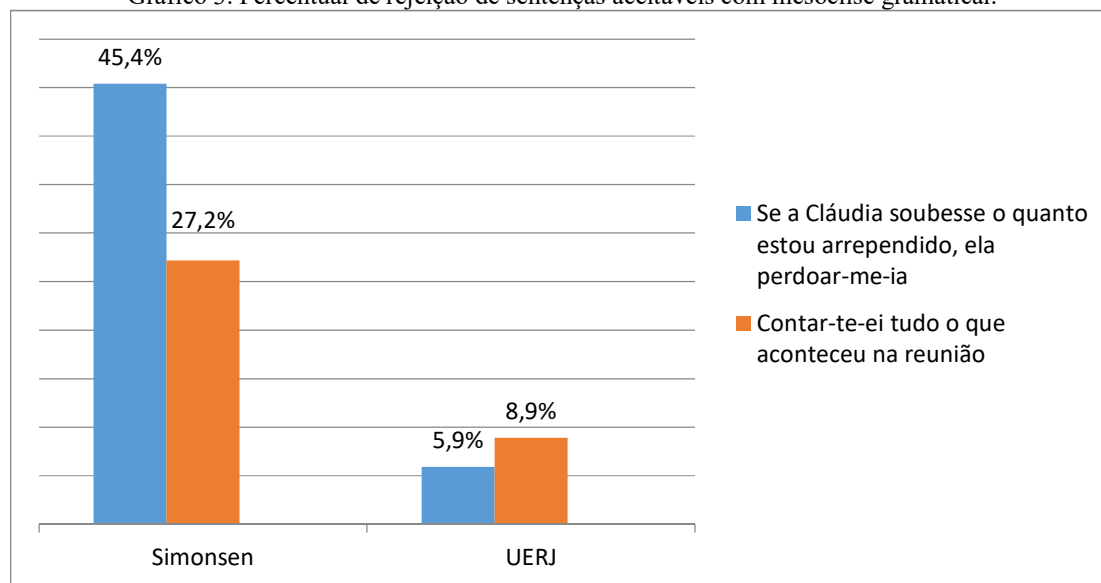
Para os dados de mesóclise, analisamos tanto as sentenças agramaticais quanto as gramaticais, por estas revelarem um padrão de rejeição distinto do observado nos dados de próclise e ênclise.

Iniciamos com as sentenças gramaticais com mesóclise, com os percentuais as taxas de rejeição na Tabela 4 e os percentuais no Gráfico 3.

Tabela 4. Número de rejeição de sentenças aceitáveis com mesóclise gramatical.

	Se a Cláudia soubesse o quanto estou arrependido, ela perdoar- me-ia	Contar-te-ei tudo o que aconteceu na reunião
Simonsen	5/11	3/11
UERJ	2/34	3/34

Gráfico 3. Percentual de rejeição de sentenças aceitáveis com mesóclise gramatical.



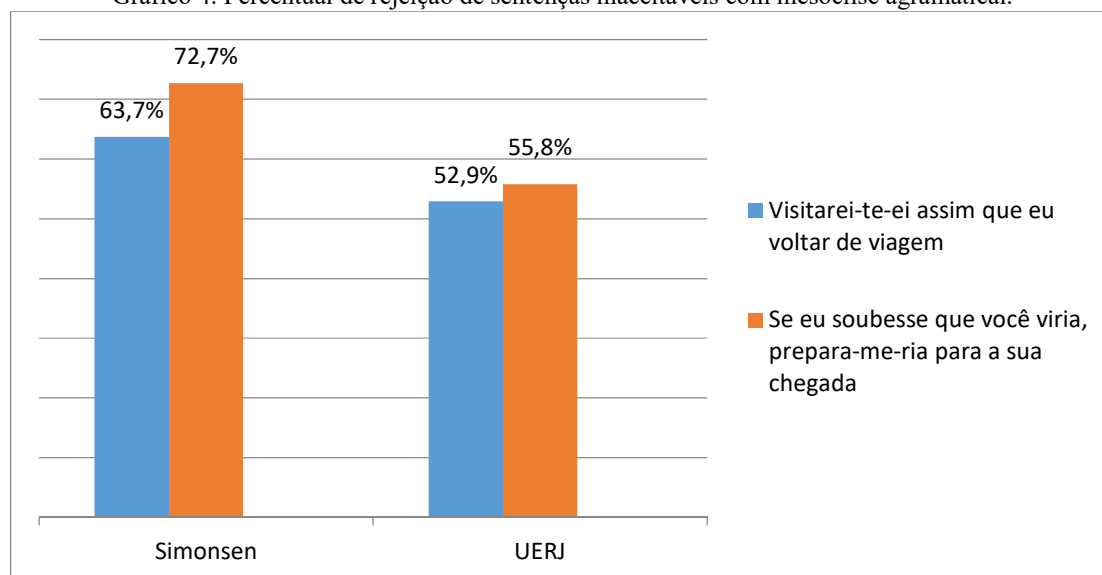
Os números da Uerj são compatíveis com o perfil esperado: baixo índice de rejeição de sentenças gramaticais. Os números percentuais dos alunos da Simonsen, no entanto, revelam altas taxas de rejeição para um tipo de estrutura que é considerado gramatical. Considerações mais detalhadas sobre esse resultado serão apresentadas na seção final desse texto.

A seguir, os dados referentes às sentenças agramaticais, na Tabela 5, e as percentagens, no Gráfico 4.

Tabela 5. Número de rejeição de sentenças inaceitáveis com mesóclise agramatical.

	Visitarei-te-ei assim que eu voltar de viagem	Se eu soubesse que você viria, prepara-me-ria para a sua chegada
Simonsen	7/11	8/11
UERJ	18/34	19/34

Gráfico 4. Percentual de rejeição de sentenças inaceitáveis com mesóclise agramatical.



Os percentuais de rejeição de sentenças agramaticais devem ser altos, quase chegando a ser categóricos. Não é isso o que encontramos nos dados dos alunos da Simonsen e da Uerj. Praticamente metade dos alunos da Uerj aceitou construções como “visitarei-te-ei” e “prepara-me-ria”. Curiosamente, os alunos da Simonsen, que tiveram um desempenho inesperado na condição gramatical, estiveram mais perto do perfil de rejeição.

Considerações Finais

Neste texto, procuramos apresentar uma contribuição no sentido de avançar no conhecimento que podemos ter a respeito da questão “Como identificar se uma construção

pertence à Gramática Nuclear ou à Periferia Marcada, sendo esses conceitos definidos tal como em Kato (2005)?”. Embora nossas intuições possam servir de guia para a resposta à questão levantada, parece haver um caminho mais árduo para se atingir uma adequação mais sólida a essa resposta.

A situação gerada pelo trabalho de Avelar (2006) e a réplica de Kato (2006) serve de alerta. Na comparação entre *ter* e *haver*, a tentação de se guiar pela intuição levaria o pesquisador a alocar o verbo *ter* na Gramática Nuclear e o *haver* na Periferia Marcada. Avelar foi além e procurou se embasar além de dados de juízo de gramaticalidade para outros *corpora* e discussões teóricas, para justificar o que a intuição proporia. Kato (2006), no entanto, mostrou que ambas os verbos poderiam estar na Gramática Nuclear, sem competição, apenas um com o uso menos frequente que o outro.

Nossa proposta de contribuição foi levantar algumas áreas em que investigações sistemáticas possam ser conduzidas para trazer mais informações sobre a questão levantada no início dessa seção. Escolhemos uma dessas áreas para conduzir um experimento que serviria de ilustração para o que estamos pensando. A aceitação de sentenças ditas “agramaticais” e a rejeição de sentenças ditas “gramaticais” são perfis que já foram considerados reveladores sobre a gramática de indivíduos. Assim se procede com afásicos, por exemplo, como argumenta Lima (2003). O primeiro caso (aceitação de agramaticais) revelaria uma gramática menos restrita, em que algumas regras poderiam estar sendo violadas sem que o afásico percebesse; o segundo caso (rejeição de gramaticais) revelaria uma gramática mais restrita. Em ambos os casos, poderia se pensar em uma reorganização de marcações paramétricas. Para a questão levantada nesse texto, os perfis poderiam revelar se uma construção pertence à Gramática Nuclear ou à Periferia Marcada de um indivíduo.

Os dados que obtivemos sobre próclise e ênclise mostraram que o perfil “rejeição de gramaticais” não foi observado, o que é compatível com uma estabilidade em relação a essas construções. Os dados referentes à “aceitação de agramaticais” foram menos regulares, com diferenças entre os grupos de alunos e também entre as sentenças que formavam essa condição. Não é nosso intuito realizar uma análise aprofundada desses resultados, até porque estamos conscientes de algumas limitações metodológicas na elaboração e na condução do experimento. Mostrar esse tipo de experimento e as situações que o mesmo levanta são nossas contribuições. Portanto, para a situação da condição

agramatical de próclise e ênclise, fica a lição de que grupos podem ter comportamentos distintos e que a seleção das sentenças deve ser realizada com cuidado, se possível, utilizando vários tipos de violação de próclise e ênclise.

A mesma situação não foi encontrada nos dados de mesóclise. Aqui, tivemos o perfil “rejeição de gramaticais” bastante evidente no grupo dos alunos da Simonsen. Esse é um resultado que merece atenção, pois difere do que foi encontrado nos resultados de próclise e ênclise, quando as condições gramaticais foram, como se esperava, aceitas quase categoricamente. Junte-se a esse resultado um perfil que se pode enquadrar como instável para a condição agramatical da mesóclise, qual seja, a aceitação de sentenças agramaticais. Esse tipo de perfil instável nas duas condições é o que apontamos no início do texto como possível indicador que uma construção assim esteja alocada na Periferia Marcada.

Concluímos o texto, mas esperamos que o mesmo seja o início de pesquisas futuras que venham trazer frutos para essa linha de investigação que pode alcançar avanços tanto teóricos quanto práticos (a saber, por exemplo, uma metodologia de ensino que possa refletir as diferenças entre construções da Gramática Nuclear e as da Periferia Marcada de um aluno).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Avelar, Juanito. 2006. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 99-143, jun./dez.

Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

Kato, Mary. 2005. *A gramática do letrado*: questões para a teoria gramatical.

Marques, M. *et al.* (Org.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), p. 131-145.

Kato, Mary. 2006. Comentários a respeito do artigo: “Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro”, de Juanito Avelar. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 145-149, jun./dez.

Kenedy, Eduardo. 2005. A hipótese da antinaturalidade de pied-piping: evidências de teste de juízo automático de gramaticalidade em português. In.: *Amarantes e Depois* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 1, p. 41-67.

Leitão, Luiz. 2007. *Gramática crítica, o culto e o coloquial no português brasileiro – teoria e prática*. Rio de Janeiro: Oficina do autor.

Lima, Ricardo. 2003. *Hipótese da Preservação de Elos Locais: uma explicação unificada dos déficits de compreensão e produção no agramatismo*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro.

Manzini, Maria., Savoia, Leonardo. 2011. Mesocclisis in the imperative: Phonology, morphology or syntax? *Lingua* 121, 1101–1120.

Vieira, Silvia. 2003. Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana do português: para a definição da natureza do clítico. In: Brandão, S.F.; Mota, M.A.C da. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do Português*. 1ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, v. 1, p. 37-60.

